

> Quando Hayden White encontra Sebald: Austerlitz entre o fardo da história e o passado prático

> When Hayden White meets Sebald: Austerlitz between the burden of history and the practical past

Edmo Videira Neto

Doutorando em História com bolsa CAPES na linha de pesquisa Patrimônio, Ensino de História e Historiografia do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). E-mail: edmo.videira@gmail.com.

Resumo

O objetivo deste ensaio é promover um encontro entre as ideias sobre a história de Hayden White e os caminhos históricos e traumáticos traçados por Sebald em *Austerlitz*. Neste sentido, partimos do pressuposto de que o personagem homônimo ao título do livro do escritor alemão funciona como um pêndulo entre o fardo da história e o passado prático, não coincidentemente, dois dos principais textos do historiador norte-americano. Para que possamos chegar minimamente a esse objetivo, abordaremos *Austerlitz* enquanto uma saga em busca de uma estética da representação do passado e de uma ética do conhecimento histórico, colocando como pano de fundo central em nosso texto os debates teóricos e metodológicos oferecidos pela obra de White.

Palavras-chave: Hayden White. Sebald. *Austerlitz*. Fardo da história. Passado Prático

Abstract

The purpose of this essay is to promote a meeting between the ideas about Hayden White's history and the historical and traumatic paths traced by Sebald in *Austerlitz*. In this sense, we assume that the homonymous character to the title of the German writer's book works as a pendulum between the burden of history and the practical past, not coincidentally, two of the main texts of the American historian. So that we can minimally reach this goal, we will approach *Austerlitz* as a saga in search of an aesthetics of the representation of the past and an ethics of historical knowledge, placing as a central backdrop in our text the theoretical and methodological debates offered by White's work.

Keywords: Hayden White. Sebald. *Austerlitz*. Burden of History. Pratical Past.

> Artigo recebido em 27.09.2021 e aceito em 28.09.2021.

*History itself must remain a mystery to be pondered
more than a puzzle to be solved.*
Hayden White

1. Palavras iniciais

Encontros parecem fazer parte da carreira intelectual tanto de White quanto de Sebald. Mais do que dois pensadores promotores de renovações das produções nos campos da teoria da história e da literatura, esses autores possuem em comum a capacidade de encontrar em suas narrativas uma série de elementos, personagens e referências que talvez ficassem de fora em uma concepção mais clássica de história e literatura. White, por exemplo, sempre se notabilizou por utilizar em seus textos referenciais oriundos de outras áreas, como a filosofia, a retórica e, principalmente, a literatura. E esses encontros com outros campos do conhecimento transformaram e ressignificaram seu trabalho, colocando no centro do debate teórico sobre a história, outras formas de compreender e representar o passado.

No caso de Sebald não é diferente. Detenhamo-nos aqui apenas à série de encontros casuais que o autor estabelece entre Austerlitz e o narrador em sua principal obra. Frequentemente ocorrendo em estações ferroviárias espalhadas pela Europa, essas confluências entre os dois personagens tinham como ponto central a contingência, a aleatoriedade e a prosa digressiva, demonstrando para nós que nesses elementos podemos encontrar uma grande potencialidade narrativa. O acaso gerado por um encontro entre Austerlitz e o narrador parece ser o elemento fundamental para a construção do romance sebaldiano. Na contingência encontramos a produção de sentido sobre o passado. E a partir dela, Austerlitz passa a narrar toda a busca por sua identidade real, passando por sua infância em Bala até a descoberta de seus verdadeiros pais. O romance se constitui como um relato dos dramáticos anos de dominação nazista na Europa e de seus efeitos traumáticos posteriores ao evento, tendo sua narrativa desencadeada a partir de encontros casuais entre os personagens de Sebald.

Talvez White e Sebald nunca tenham se visto pessoalmente. Mas certamente o intelectual norte-americano encontrou no escritor alemão uma

importante fonte para seus trabalhos. Essa convergência ficaria clara na última obra de White, *The Pratical Past*, de 2014. Nela, nosso autor cita diretamente *Austerlitz* como exemplo de um livro que pode ser lido enquanto uma alegoria para as desvantagens da história.¹ Obviamente, White faz referência à clássica segunda consideração intempestiva de Nietzsche², onde o filósofo reflete justamente sobre as vantagens e desvantagens do conhecimento histórico para a vida. Entretanto, ao produzir para seus leitores essa metáfora, White apresenta também esse seu encontro com a obra de Sebald. Temos então um contato direto entre os dois que, se não foi extensamente explorado por White, pôde render alguns frutos interessantes. E é atrás desses frutos que nosso ensaio correrá.

Primeiramente, devemos salientar que, se essa confluência entre White e Sebald ocorre, ela tem raízes naquilo que o historiador francês Ivan Jablonka denominou de Terceiro Continente.³ Nesse texto que leva o nome citado por nós, Jablonka mapeia dois continentes que designam as formas de narrar existentes: de um lado, aquele verde, dominado pelas gramas, flores e formas imaginárias de ver o mundo, denominado de literatura; do outro, um continente mais cinza, duro, metódico, e constituído pelas formas científicas de ver a existência, como as ciências sociais, a história, o jornalismo e a filosofia.⁴ Entretanto, o historiador francês mapeia muito bem a emergência de um terceiro continente que mesclaria essas duas formas de se posicionar perante a realidade social. Aqui, a confusão criativa se estabelece e temos a dissolução das fronteiras clássicas legadas a nós pela tradição oitocentista. É na disrupção dos limites entre história e literatura, fato e ficção, empiria e imaginação, realidade e fantasia que estaria a potência intelectual e imaginativa oferecida por este terceiro continente. Como o próprio Jablonka nos mostra ao falar das obras pertencentes a este continente: “o motivo de orgulho destes livros é justamente o fato de serem bastardos, de possuírem uma radical extraterritorialidade e não

¹ Hayden White, *The pratical past*, 2014, p. 6.

² Friedrich Nietzsche, *Segunda Consideração Intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*, 2003.

³ Ivan Jablonka, *O terceiro continente*, 2017.

⁴ Ivan Jablonka, *O terceiro continente*, 2017, p. 10.

causa surpresa, portanto, que nenhuma etiqueta tenha conseguido caber em suas capas”⁵.

É esse lugar de textos bastardos o local onde propomos o encontro imaginário entre White e Sebald. Portanto, nosso texto tem por objetivo refletir sobre uma questão central: como a aproximação entre White e Sebald pode nos estimular a repensarmos o que é o conhecimento histórico e qual a sua utilidade? Obviamente, esse questionamento é complexo e não conseguiremos solucioná-lo nas linhas que se seguem. Contudo, é inegável que ao aproximarmos as obras desses dois autores uma série de questões de caráter ético e estético sobre a representação do passado e sua utilidade prática para a vida dos sujeitos aparecem. Por isso, o jogo proposto é aproximar esses questionamentos no intuito de estabelecermos pontos de cruzamento que nos ofereçam possibilidades reflexivas para pensarmos nesta pergunta central.

E para que possamos alcançar minimamente nosso objetivo, lançaremos mão de um artifício hermenêutico no intuito de perseguirmos esses encontros intelectuais entre os autores. Por isso, escolhemos para nossa análise o personagem Jacques Austerlitz, cujo sobrenome intitula o livro de Sebald. Essa escolha não é feita ao acaso. Ela ocorre justamente porque temos como hipótese central a ideia de que Austerlitz funciona como um pêndulo para lermos duas obras de White. Em nossa visão, esse personagem estaria inserido, retido e paralisado entre o fardo da história e o passado prático, não coincidentemente, títulos de duas das obras mais importantes do norte-americano. Portanto, buscaremos nas páginas seguintes entender como essa aproximação a partir de um personagem extremamente complexo como Austerlitz, pode nos fornecer respostas para um duplo dilema constituinte da história: representar o passado e produzir sentido para o presente. Sendo assim, nosso argumento terá dois passos principais: primeiro, perpassaremos pela ideia de fardo da história, presente no romance de Sebald e título de um dos textos de White analisados por nós. Em segundo lugar, refletiremos sobre o conceito whiteano de passado prático e como o mesmo pode ser encontrado no romance do escritor alemão.

⁵ Ivan Jablonka, *O terceiro continente*, 2017, p. 11.

Por fim, apontaremos rápidas conclusões no intuito de aproximar essas duas partes do nosso ensaio.

2. O fardo do passado que pesa sobre o presente

Já na metade do romance de Sebald, Austerlitz sofria com seus problemas de visão e, a partir disso, resolve tomar uma atitude surpreendente. Ele junta todos os seus arquivos, papéis, escritos e os leva para o quintal, enterra-os e os cobre com estrume. Segundo ele, semanas depois desse episódio, “enquanto eu arrumava os quartos da casa e pintava o piso e as paredes, imaginei estar de fato aliviado do fardo que onerava a minha vida, mas logo percebi que as sombras caíam sobre mim”⁶. Para um historiador, essa é uma das passagens mais interessantes do livro. A tentativa de enterrar seus arquivos é praticamente uma atividade desesperada de se livrar de memórias e textos que ainda o assombravam. Não à toa, o personagem em um primeiro momento pensa estar aliviado daquele fardo, mas as sombras não o abandonariam. Esse trecho mostra muito bem a personalidade de Austerlitz: uma pessoa assombrada por um passado que ele ainda desconhece, mas que com o passar do tempo, descobre ser extremamente complexo. Infelizmente, os fardos da história não podem ser aliviados somente se os enterrarmos. Pois o passado parece continuar a nos assombrar, mesmo após nos livrarmos de coisas e objetos que remetem a ele.

Além da passagem fornecer uma boa imagem da personalidade de Austerlitz, ela é um importante gancho para nosso artigo, pois conecta diretamente as inquietações do personagem com o texto clássico de Hayden White, cujo o fardo já está no título: “O fardo da história” (1966). Obviamente, no momento em que o historiador norte-americano escreveu esse texto, um de seus primeiros ensaios a conquistar grande sucesso, ele não poderia ter contato com *Austerlitz*, que só viria a ser escrito em 2002. Se o encontro entre White e Sebald ocorre empiricamente em 2014 no livro *The practical past*, podemos

⁶ W. G. Sebald, *Austerlitz*, 2008, p. 126.

refletir imaginativamente sobre como seria potente para o White de 1966 conhecer as andanças errantes de Jacques Austerlitz. E aqui, temos a primeira base do pêndulo no qual o personagem de Sebald se coloca. Primeiramente, precisamos entendê-lo enquanto um sujeito assombrado pelo passado que, através de suas pesquisas, busca compreender quem de fato eram seus pais. Sobre essas questões de usar a história para compreender e despertar, White nos diria em “O fardo da história” a partir de uma ideia expressa por Stephen Dedalus de Joyce que: “a história é o pesadelo do qual o homem ocidental precisa despertar se quiser servir e salvar a humanidade”⁷. Em um primeiro momento ficamos abismados com as semelhanças entre essa citação e o esforço de Austerlitz em se livrar de suas sombras enterrando seus arquivos. A tentativa do personagem era uma busca por esse despertar que a história insiste em impedir. Aqui vemos como o fardo do tempo pesa sobre os ombros de pessoas como Austerlitz, pois quanto mais se direciona na procura de seu passado, mais se sente pressionado por ele. Como bem nos aponta Felipe Charbel ao refletir sobre o primeiro encontro entre Austerlitz e o narrador no salão dos passos perdidos na Bélgica em 1967: “mas o salão dos passos perdidos é também uma metáfora do fardo da história que, aos poucos, descobrimos ser um traço de sua personalidade”⁸. Concordamos com o comentador e, para entendermos a complexidade desse personagem, devemos partir do pressuposto de que sua personalidade é atormentada pelo fardo de um passado que não passa.

A chave do projeto de White exposto no texto de 1966 pode ser entendida a partir dessa citação de Joyce apresentada anteriormente. Talvez, e aqui fazemos um exercício meramente imaginativo, se White tivesse *Austerlitz* à disposição quando escrevia seu ensaio, ele poderia ser o exemplo desse pesadelo imposto pelo fardo do passado. Mais do que uma disciplina que escava, investiga, organiza e cataloga o passado, a história deve ser peça fundamental na tarefa de despertar e salvar a humanidade. Nessas reflexões, o personagem principal do debate proposto por White fica por conta do historiador. Segundo ele, o fardo do historiador seria “a responsabilidade moral de libertar o homem

⁷ Hayden White, “O Fardo da História”, 2014, p. 43.

⁸ Felipe Charbel, *Uma filosofia inquietante da história: sobre Austerlitz, de W. G. Sebald*, 2015, p. 127.

do fardo da história”⁹. O que o norte-americano provavelmente esqueceu nesse texto e posteriormente apareceria em seu *The practical past* é que essa tarefa de libertação pode ser realizada não só pelos historiadores, mas também (e principalmente) por autores que mobilizam a literatura para tratar de passados traumáticos como é o caso de Sebald. Contudo, precisamos notar que nesse ensaio o foco de White ainda é falar para a comunidade historiadora, pois como ele mesmo nos diz, seria necessário transformar “os estudos históricos de modo a permitir que o historiador participe positivamente da tarefa de libertar o presente do fardo da história”¹⁰.

Nesse ponto da trajetória ainda inicial de White, suas preocupações se relacionavam com a necessidade de reinventar a história disciplinar, como expressa o trecho citado acima. E para realizar essa atividade, uma temporalidade decisiva deveria assumir a centralidade nos debates e representações históricas: o presente. Portanto, percebemos um outro ponto de confluência entre a obra de White e a de Sebald. Como Charbel muito bem nos apontou: “Austerlitz e o narrador parecem presos ao agora, a um instante hipertrofiado em que se superpõem, caoticamente, várias camadas do passado”¹¹. Passamos a entender Sebald como o produtor de um outro tipo de história, não aquela consagrada pela historiografia oitocentista, focada no passado e nos seus mínimos detalhes, mas sim, uma história que narra o presente a partir dos fardos legados pelo passado. Por isso, Todd Presner nos diz que “Sebald produz uma história realista do presente”¹², ou seja, é uma tentativa não de investigar como se deu o genocídio nazista e seus planos de extermínios nos guetos, mas sim de compreender as marcas deixadas por esses eventos e sentidas por uma pessoa que é herdeira deles em seu tempo presente. Em *Austerlitz*, a história assume uma dimensão existencial e sua tarefa passa

⁹ Hayden White, “O Fardo da História”, 2014, p. 62.

¹⁰ Hayden White, “O Fardo da História”, 2014, p. 53.

¹¹ Felipe Charbel, *Uma filosofia inquietante da história: sobre Austerlitz, de W. G. Sebald*, 2015, p. 133.

¹² “Sebald produces a realistic history of the presente.” Todd Presner, “What a Synoptic and Artificial View Reveals”: *Extreme History and the Modernism of W. G. Sebald’s Realism*, 2016, p. 345.

ser cada vez mais aquilo que White já preconizava em seu ensaio de 1966: libertar o sujeito do fardo da história.

Essa preocupação com o tempo presente é mais um dos elementos constituintes do encontro entre White e Sebald. A reversão na temporalidade histórica, do passado para o presente, é uma das condições mais inquietantes das obras de ambos. Nesse sentido, se em um primeiro momento Austerlitz busca se livrar de seu passado enterrando documentos, posteriormente ele se defrontaria novamente com essa temporalidade pretérita, agora, sob o signo de fantasmas. Aos refletir a respeito das pessoas desaparecidas e mortas que passaram pelas estações de Broadgate e Liverpool, o personagem principal apresentaria para nós as seguintes palavras: “mas para mim, disse Austerlitz, era como se naquela época os mortos voltassem do seu exílio e enchessem a penumbra ao meu redor com o seu vaivém peculiarmente lento e incessante”¹³. Aqueles que leem o romance de Sebald, provavelmente percebem que as metáforas sobre fantasmas e mortos são extensas e sempre mobilizadas quando Austerlitz busca falar do passado e da forma como essa temporalidade afeta sua existência. É como se os mortos coexistissem no mesmo espaço/tempo de nosso personagem, promovendo uma dança macabra, assombrando-o, e realizando o despertar daqueles fardos sentidos por ele. Segundo Felipe Charbel, o que vemos é uma “coextensividade entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos”¹⁴ e essa relação só pode se estabelecer no tempo presente. Por isso essa temporalidade se torna algo importante para entendermos não só a obra de Sebald, mas também as ideias teóricas de White. Sendo assim, podemos supor que *Austerlitz* segue o caminho daquilo que Amir Eshel denominou de uma poética da suspensão, “uma poética que suspende noções de cronologia, sucessão, compreensão e encerramento”¹⁵. O que nos resta não é mais um presente, passado e futuro divididos e bem delimitados, mas sim um caos

¹³ W. G. Sebald, *Austerlitz*, 2008, p. 133.

¹⁴ Felipe Charbel, *Uma filosofia inquietante da história: sobre Austerlitz, de W. G. Sebald*, 2015, p. 129.

¹⁵ “a poetics that suspends notions of chronology, succession, comprehension, and closure,” Amir Eshel, *Against the power of time: the poetics of suspension in W. G. Sebald’s Austerlitz*, 2013, p. 74.

temporal que promove no presente a convivência entre os fantasmas dos mortos e as angústias dos vivos, entre o fardo do passado e o trauma no presente.

O que observamos no texto de White é uma recomendação ética do que os historiadores deveriam fazer com sua disciplina e com o passado. Já no final de “O fardo da história” ele nos diria que: “ao contrário, precisamos de uma história que nos eduque para a descontinuidade de um modo como nunca se fez antes; pois a descontinuidade, a ruptura e o caos são o nosso destino”¹⁶. Essa é sem dúvida uma das citações mais emblemáticas de White. Como educar para a descontinuidade sendo que a história sempre foi uma disciplina que pregou permanência e ruptura em seus manuais didáticos? Mais do que isso, como estabelecer uma ordem eticamente responsável ao caos da forma que é o passado? Curiosamente, podemos encontrar um paralelo dessa citação de White no livro de Sebald *Guerra aérea e literatura*, onde o autor alemão analisa a ausência de representações literárias dos bombardeios de Hamburgo durante a segunda guerra mundial. De acordo com ele: “assim são os abismos da história. Neles se encontra tudo misturado, e o pavor e a vertigem nos tomam quando olhamos lá para baixo”¹⁷. Percebemos então que a história para esses autores encontra-se entre o caos e o abismo, restando a nós a busca por uma estética da representação do passado e uma ética desse conhecimento para que a disciplina possa fazer sentido para o sujeito e dar forma a esses elementos disformes. Talvez algumas respostas para esses empecilhos possam ser buscadas em um outro texto de White que abordaremos agora em diálogo com o livro *Austerlitz* de Sebald: *The practical past*.

3. Do histórico ao prático: formas de passado e o alívio ético

Um dos elementos primordiais constituintes do personagem Jacques Austerlitz e que durante a narrativa assume um caráter trágico é o fato de ele ser um professor. Como o narrador do livro nos mostra, “ele exercia um cargo

¹⁶ Hayden White, “O Fardo da História”, 2014, p. 63.

¹⁷ W. G. Sebald, *Guerra aérea e literatura: com um ensaio sobre Alfred Andersch*, 2011, p. 69.

docente em um instituto de história da arte em Londres”¹⁸. Ao longo do romance, essa história profissional do especialista em arquitetura dos tempos capitalistas vai ficando clara e apresenta para o leitor um fato curioso: Austerlitz ao mesmo tempo em que era um professor de história da arte especializado em arquitetura, não sabia nada sobre o próprio passado. E mais do que isso, a história profissional exercida por ele estava estritamente focada na temporalidade passada. Segundo suas próprias palavras: “para mim, o mundo terminara com o fim do século XIX”¹⁹. Essa passagem evidencia dois pontos importantes. O primeiro, que a historiografia em forma de arte e arquitetura exercida por Austerlitz delimita muito bem qual a sua temporalidade de estudo (até o século XIX). O segundo, escancara para os leitores os motivos de Austerlitz praticamente desconhecer as histórias das grandes guerras e, em especial, nutrir um profundo desconhecimento pela história alemã, fato reconhecido por ele e que chama a atenção dos leitores justamente por se tratar de um personagem erudito, falante de várias línguas, conhecedor de várias histórias e cosmopolita. Nesse ponto da obra de Sebald, Austerlitz se apresenta como uma pessoa paralisada no tempo. E os motivos dessa paralisia são profissionais, ou seja, sua disciplina histórica que exigia um determinado tipo de passado (a arquitetura da época capitalista), pois para ele, o mundo terminara com o fim do século XIX.

Se partirmos do pressuposto que Austerlitz é esse personagem paralisado no tempo e assombrado pelo fardo de seu passado, podemos buscar nas ideias teóricas de Hayden White dois conceitos para definir não só a epopeia sebardiana, mas também importantes traços da personalidade desse sujeito: passado histórico e passado prático. De acordo com White, o passado histórico “é construído como um fim em si mesmo, tem utilidade prática muito limitada, se houver, e contribui apenas minimamente para a compreensão do que as pessoas comuns consideram ‘o presente’”²⁰. Esse passado prático referenciado pelo autor norte-americano diz respeito àquele produzido pelos historiadores

¹⁸ W. G. Sebald, *Austerlitz*, 2008, p. 35.

¹⁹ W. G. Sebald, *Austerlitz*, 2008, p. 140.

²⁰ “is constructed as an end in itself, has very limited if any practical usefulness, and contributes only minimally to the understanding of what ordinary folk regard as “the present””. Hayden White, *The practical past*, 2014, p. 42. Tradução minha.

profissionais que, para ele, estariam interessados apenas no passado encerrado em si. Entretanto, essa elaboração conceitual de White não é um consenso na historiografia e foi motivo de crítica de alguns autores. Como Chris Lorenz nos chama a atenção: “a mesma distinção entre passado histórico e o prático baseia-se nas pressuposições (fundacionalistas) empiristas e positivistas da filosofia da ciência”²¹. Para esse importante leitor de White, a distinção do historiador estadunidense não conseguiria romper com as bases positivistas que o mesmo tanto criticava. Ainda de acordo com Lorenz, “White estava seguramente correto quando declarava que o passado histórico é uma construção teórica dos historiadores”²², mas ele falharia em não considerar “que o mesmo ocorre com o passado prático porque desde o princípio ele funcionou como a contraparte normativa do – supostamente estritamente factual – ‘passado histórico’”²³. É importante demarcarmos esse debate conceitual para externalizarmos ao nosso leitor que estamos optando por seguir uma elaboração não consensual de White, mas que pode ser extremamente frutífera para nossas ideias.

Portanto, se o passado histórico é essa elaboração profissional e se dedica estritamente ao tempo pretérito e aos eventos nele ocorridos, podemos entender que o Austerlitz professor universitário está completamente aprisionado nessa forma de passado. E o mundo encerrado no fim do século XIX é um importante traço de sua personalidade, uma marca da ação desse passado histórico em sua vida diária. Neste momento, encontramos uma das formas trágicas da existência de Austerlitz. Ao mesmo tempo em que ele é um grande conhecedor da história e domina sua forma disciplinar, não consegue mobilizar esse conhecimento para compreender sua existência, seu lugar no mundo e seu passado pessoal. Como ele próprio nos diz: “durante todos os anos que passei na casa do pregador em Bala, jamais me livre de da sensação de que algo bastante óbvio, manifesto em mim mesmo, me era ocultado”²⁴. Obviamente, essa é uma citação que remete às

²¹ Chris Lorenz, “É preciso três para dançar um tango: estabelecendo uma linha entre os passados prático e histórico”, 2017, p. 46.

²² Chris Lorenz, “É preciso três para dançar um tango: estabelecendo uma linha entre os passados prático e histórico”, 2017, p. 70.

²³ Chris Lorenz, “É preciso três para dançar um tango: estabelecendo uma linha entre os passados prático e histórico”, 2017, p. 70.

²⁴ W. G. Sebald, *Austerlitz*, 2008, p. 58.

memórias da infância do personagem. Posteriormente seria revelado para os leitores o fato de esse segredo escondido possuir relação com a adoção de Austerlitz por essa família britânica. Entretanto, mesmo após se tornar um professor, o personagem de Sebald não conseguiria mobilizar seus conhecimentos de forma prática. Portanto, qual caminho restaria para Austerlitz descobrir sua identidade? Se a história disciplinar tão bem conhecida por ele não era suficiente, quais mecanismos poderiam ser mobilizados para desvendar a verdadeira história desse segredo que lhe era escondido?

Chegamos então ao momento em que a narrativa criada por Sebald se confunde com o conceito central de passado prático elaborado por Hayden White. De acordo com o norte-americano, este tipo de passado:

Refere-se àquelas noções de “passado” que todos nós carregamos conosco em nossas vidas diárias e sobre as quais nos baseamos, quer queira ou não, da melhor maneira possível, por informações, ideias, modelos, fórmulas e estratégias para resolver todos os problemas práticos – de assuntos pessoais a grandes programas políticos – reunidos em tudo o que concebemos ser nossa “situação” presente ²⁵.

Precisamos ressaltar que o conceito de passado prático foi retirado das reflexões do filósofo Michael Oakeshott e aprimorado por White para se encaixar em suas formulações teóricas. Portanto, ao contrário das tarefas elencadas pelo passado histórico, o passado prático se referiria aos dilemas enfrentados diariamente pelas pessoas que procuram no tempo pretérito significações para sua vida presente. E nossa hipótese é que, ao perambular pela Europa em busca da história de seus pais, Austerlitz estava operando inconscientemente a partir dessa ideia, ou seja, seu anseio não era por um passado factual, por como as coisas realmente acontecerem, mas sim, uma investigação em torno do significado de sua existência. No centro desse conceito, está justamente a dimensão prática referenciada por ele, pois como White nos diz esse é “um passado que, ao contrário do dos historiadores, foi vivido por todos nós mais ou menos individualmente e mais ou menos

²⁵ “it refers to those notions of “the past” which all of us carry around with us in our daily lives and which we draw upon, willy- nilly and as best we can, for information, ideas, models, formulas, and strategies for solving all the practical problems— from personal affairs to grand political programs— met with in whatever we conceive to be our present “situation.”” Hayden White, *The practical past*, 2014, p. 9. Tradução minha.

coletivamente”²⁶. Sendo assim, o passado prático abre as possibilidades para um novo tipo de história que tem como ponto central a ética e a busca por dotar de sentido o caos e os abismos da história. De uma forma ou de outra, é esse tipo de história mobilizada por Sebald em sua narrativa. Temos aqui, um encontro retrospectivo entre Sebald e White, pois o romance foi escrito anteriormente ao livro publicado pelo historiador estadunidense.

Um dos personagens sebaldianos mais interessantes e que podemos utilizar enquanto um exemplo da confluência entre os tipos de passados elaborados por White é o professor de história de Austerlitz, André Hilary. Ele foi um dos incumbidos da tarefa de informar à Dafydd Elias, enquanto ainda era um estudante, que seu verdadeiro nome era Jacques Austerlitz e desse jeito ele deveria assinar suas provas. Podemos imaginar o choque de um jovem aluno ao descobrir que seu nome verdadeiro sempre lhe foi ocultado, bem como as diversas incertezas e questionamentos sobre seu passado levantados por esse evento. Inicialmente, Hilary é descrito como o tradicional professor de história dominador de todos os assuntos referentes ao passado histórico. Segundo Austerlitz: “tudo isso Hilary evocava para nós com grande vivacidade, em parte ao narrar os eventos [...] em parte ao investigar os estratégias de Napoleão e de seus adversários com a fria inteligência de um estrategista imparcial”²⁷. Portanto, esse é o professor que domina cada elemento do passado factual: nomes de generais, estratégias de batalhas, campos onde as lutas ocorreram. Mas não somente isso. Assim como Austerlitz, Hilary parece dividido entre o passado histórico e o passado prático, pois promove em suas aulas uma identificação do personagem principal com seu verdadeiro nome que, coincidentemente, também nomeia uma das batalhas enfrentadas por Napoleão. Por isso, “quanto mais Hilary mencionava a palavra Austerlitz em classe, mais ela se tornava de fato meu nome”²⁸.

Podemos notar que as aulas de história produziram no personagem de Sebald o início do reconhecimento de sua identidade. E esses momentos

²⁶ “a past which, unlike that of the historians, has been lived by all of us more or less individually and more or less collectively.” Hayden White, *The practical past*, 2014, p. 14. Tradução minha.

²⁷ W. G. Sebald, *Austerlitz*, 2008, p. 73.

²⁸ W. G. Sebald, *Austerlitz*, 2008, p. 75.

despertariam uma extrema gratidão de Austerlitz junto a seu professor, pois de acordo com suas reflexões: “devo a ele o fato de ter deixado muito para trás o resto da classe nos exames finais de história, latim, alemão e francês, e de poder seguir meu caminho rumo à liberdade”²⁹. Aqui, percebemos uma das grandes potencialidades das aulas de história e que deve ser levada em consideração por todos os professores e professoras que entram em sala de aula diariamente: a tarefa de nossa disciplina é fundamentalmente ética e um de nossos desafios é educar para a liberdade e para a produção de identidade nos alunos, assim como Hilary fez com Dafydd Elias, transformando-o cada vez mais em Jacques Austerlitz.

Se retornarmos a uma pergunta feita anteriormente sobre como educar para a descontinuidade, talvez Hilary seja um bom exemplo de professor que realiza essa tarefa. Isso acontece porque a vida de Austerlitz foi assombrada do dia para a noite com a mudança de seu nome, transformando sua identidade justamente numa grande descontinuidade. Se essas passagens sobre o jovem aluno britânico nos fornecem a primeira manifestação da importância de um passado prático no livro de Sebald, elas iriam aflorar ainda mais ao final da narrativa. Após a série de buscas por sua verdadeira família, Austerlitz viria seu passado prático se materializar em uma película do filme “O Führer dá aos judeus uma cidade”. Nessa produção nazista, que servia como uma propaganda para construir a falsa ideia de uma vida “normal” no gueto de Theresienstadt, o personagem de Sebald encontra a imagem de sua mãe, Agáta. Nesse ponto do livro, muitas das angústias de Austerlitz parecem diminuídas, mas não esquecidas. Se o fardo de sua história diminui ao descobrir e ver sua mãe, ele se torna novamente pesado quanto ele compreende seu fim.

Os exemplos apresentados que ligam as ideias teóricas de White com a narrativa de Sebald inevitavelmente convergem para um tema fundamental que é caro para historiadores e escritores de literatura: a ética. Como o norte-americano nos diz: “os artifícios literários dispostos por Sebald em Austerlitz servem para produzir uma lente literária pela qual justificar um julgamento

²⁹ W. G. Sebald, *Austerlitz*, 2008, p. 76.

(ético ou moral) sobre um mundo real de fatos históricos”³⁰. Portanto, não é estranho o fato de White utilizar o romance de Sebald para iniciar suas reflexões no livro a respeito do passado prático. Em nossa visão, ele encontrou a mais perfeita manifestação prática das angústias da história e da necessidade de se mobilizar um passado útil para as identidades dos sujeitos no romance sebaldiano. Talvez, somente em 2014 quando White elaborou sua última obra ele tenha encontrado um exemplo e uma forma da grande tarefa dos historiadores já formulada em “O fardo da história” no ano de 1966: “impor aos homens uma consciência da maneira como o passado poderia ser utilizado para efetuar uma transição eticamente responsável do presente para o futuro”³¹. O que está em jogo, mais do que o passado e o presente, é a construção de um futuro que nos permita ser livres dos fardos da história. E esse percurso, traumático e inquietante, parece ter sido traçado por Austerlitz. Para se livrar das sombras que pairavam sobre sua existência, o personagem busca mobilizar um passado prático em uma jornada à procura de sua verdadeira origem, família e identidade. Em Sebald e em White, a história assume sua forma ética de produção de sentido para a vida dos sujeitos, transformando-se em um pequeno alívio. Assim, o caos e o abismo parecem ser atenuados.

4. Conclusão

Este ensaio poderia ter sido escrito de diversas formas diferentes. Poderíamos ter abordado a questão da narrativa, do romance histórico pós-moderno ou da representação do tempo nas obras dos dois autores. Essas possibilidades são vastas justamente porque o espólio intelectual de White e Sebald é complexo, perpassa por diferentes temas e pode servir como iniciador de diversas reflexões a respeito de problemas urgentes não só para a historiografia, mas também para a literatura. Em nossa visão, a dimensão de um intelectual pode ser entendida a partir da série de indagações que ele consegue

³⁰ “the literary devices disposed by Sebald in Austerlitz serve to produce a literary lens by which to justify a judgment (ethical or moral in kind) on a real world of historical fact.” Hayden White, *The practical past*, 2014, p. 5. Tradução minha.

³¹ Hayden White, “O Fardo da História”, 2014, p. 61.

elaborar e, nesse ponto, estamos diante de dois grandes mestres nessa arte. Portanto, fazer uma conclusão fechada e definitiva sobre eles é uma tarefa quase impossível. O que tentaremos realizar agora é uma breve sistematização das ideias que elaboramos ao longo do texto.

Primeiramente, a escolha por abordar o encontro entre os autores a partir da ideia de conhecimento histórico foi realizada justamente por entendermos que nela se encontra uma das maiores potencialidades das obras de ambos. Neste sentido, nossa ideia foi selecionar e interpretar o principal personagem de Sebald, Jacques Austerlitz, como um sujeito situado entre dois polos representados por textos de White: o fardo da história e o passado prático. Como procuramos demonstrar, Austerlitz é uma pessoa que sente o peso de seu passado diariamente, mesmo não o conhecendo por completo. E sua busca por aliviar esse fardo se estabelece a partir da procura por sua identidade que pode ser lida através do conceito whiteano de passado prático. Dessa forma, o encontro entre Sebald e White funciona. Se uma de suas características é justamente demolir as fronteiras das escritas literárias e históricas, acreditamos que eles cumprem bem esse papel nos textos selecionados por nós, caminhando assim, por aquele terceiro continente que Jablonka nos chamou a atenção.

Se Lukács apontou o fato do romance histórico ser “o produto de um sentido de história particularmente do século XIX”³², talvez possamos dizer que a prosa sebaldiana juntamente com a ideia de romance pós-moderno, ou metaficção historiográfica para utilizarmos aqui as palavras de Linda Hutcheon³³, seja uma das marcas da consciência histórica emergente após os acontecimentos traumáticos do século XX. E essa ideia proposta está ancorada nas necessidades de reinventar uma forma de escrita e de representação que consiga dar conta minimamente daquilo denominado por White de evento modernista³⁴, conceito aglutinador de acontecimentos históricos modernos impossibilitados de serem representados pelas narrativas tradicionais. Portanto,

³² “was the product of a particularly nineteenth-century sense of history.” Todd Presner, “*What a Synoptic and Artificial View Reveals*”: *Extreme History and the Modernism of W. G. Sebald’s Realism*, 2016, p. 341.

³³ Linda Hutcheon. “Metaficção historiográfica: “o passatempo do tempo passado””, 1991.

³⁴ Hayden White, “The Modernist Event”, 1999.

se o romance histórico do século XIX designou uma determinada ideia de história vigente naquele período, acreditamos que obras como a de Sebald também possam contribuir para repensarmos nossa ideia contemporânea de história, bem como a sua estética da representação.

Enquanto o primeiro fruto do encontro entre esses autores é estimular nossa reflexão a respeito das formas de narrar o passado, o segundo, que foi mais extensamente abordado por nós no decorrer do texto, diz respeito aos dilemas éticos da prática historiadora. Eventos como a Shoah, a segunda guerra mundial, os massacres coloniais em África e as ditaduras na América Latina, colocam à prova não só a capacidade de narrar e representar, mas também o imperativo ético de toda pessoa que decide estudar e compreender esses fatos. Portanto, estamos diante de um dilema moral assumido por todo escritor dedicado a esses temas, possuindo assim, uma forte relação com a responsabilidade de narrativizar passados que ainda pesam sobre o presente. Ao lidar com tais acontecimentos, colocamos no centro das nossas reflexões as questões da identidade individual e de passados traumáticos para uma série de pessoas que ainda experienciaram, direta ou indiretamente, esses traumas.

Por isso acreditamos que a obra de Sebald e White nos ajuda a lidar com essas situações complexas. *Austerlitz* é um bom exemplo de como uma pessoa lida com os fantasmas legados a ela pelo tempo pretérito, assim como a teoria de White reforça aos historiadores que, quando eles escrevem, encontram-se diante de atitudes de caráter fundamentalmente ético. O encontro entre ambos não é vão. É uma tentativa de buscarmos respostas para inquietações urgentes que dominam nosso tempo presente. Assim como White encontrou em *Austerlitz* um exemplo de sua teoria relacionada ao passado prático, talvez possamos encontrar na junção dos pensamentos do alemão e do norte-americano, uma ajuda para representarmos de maneira eticamente responsável as angústias dos tempos contemporâneos. Para aliviar um fardo da história, como aquele vivido por Austerlitz, talvez o caminho seja mobilizarmos cada vez mais um passado prático que produza identidade para o presente de milhares de pessoas traumatizadas pelo passado. A tarefa é permanente, desafiadora e inquietante. Mas cabe a cada um de nós produzirmos sentido para o presente,

orientar indivíduos no mundo e tentar amenizar os pesados fardos impostos pelo passado. Inevitavelmente, a tarefa elaborada por White e Sebald é de caráter existencial. Talvez nos reste cada vez mais seguir esse caminho oferecido por ambos.

Referências

CHARBEL, Felipe. *Uma filosofia inquietante da história: sobre Austerlitz, de W. G. Sebald*. Ouro Preto: História da Historiografia, 2015, p. 124-141.

ESHEL, Emir. *Against the power of time: the poetics of suspension in W. G. Sebald's Austerlitz*. *New German Critique*, 2013, p. 71-96.

HUTCHEON, Linda. Metaficção historiográfica: “o passatempo do tempo passado”. In: HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Ed, 1991.

JABLONKA, Ivan. *O terceiro continente*. Trad. Alexandre de Sá Avelar. Uberlândia: ArtCultura, 2017, p. 9-17.

LORENZ, Chris. É preciso três para dançar um tango: estabelecendo uma linha entre os passados prático e histórico. In: BENTIVOGLI, Julio; TOZZI, Verónica (org.). *Do passado histórico ao passado prático: 40 anos de Meta-história*. Espírito Santo: Milfontes, 2017.

NIETZSCHE, Friedrich. *Segunda Consideração Intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Trad. Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Relumê Dumará, 2003.

PRESNER, Todd. “*What a Synoptic and Artificial View Reveals*”: *Extreme History and the Modernism of W. G. Sebald's Realism*. Detroit: State University Press, 2016, p. 341-360.

SEBALD, Winfried Georg Maximilian. *Austerlitz*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SEBALD, Winfried Georg Maximilian. *Guerra aérea e literatura: com um ensaio sobre Alfred Andersch*. Trad. Carlos Abbenseth e Frederico Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

WHITE, Hayden. O Fardo da História. In: WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. Trad. Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

WHITE, Hayden. The Modernist Event. In: WHITE, Hayden. *Figural Realism: Studies in the Mimesis Effect*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1999.

WHITE, Hayden. *The Pratical Past*. Evanston: Northwestern University Press, 2014.

Referência para citação deste artigo

VIDEIRA NETO, Edmo. Quando Hayden White encontra Sebald: *Austerlitz* entre o fardo da história e o passado prático. **Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte**, Porto Alegre, volume 3, número 2, p. 117 – 135, dezembro de 2021.